

ANA SEIA DE MATOS

MARIANA SILVA

# ESTE MOVIMENTO NÃO CESSA



CONCEITO ORIGINAL, OBRAS  
E DISPOSITIVO CÊNICO  
**Ana Seia de Matos**

criação coreográfica  
e interpretação  
**Mariana Silva**

Produção  
**Clara Spormann**

Design, Fotografia, Vídeo,  
Assistência de Produção  
**Luis Belo**

APOIO  
**Tesouro da Catedral – Museu de Arte  
Sacra, Lugar Presente, Associação de  
Estrelas em Constelação, Mochos no  
Telhado, CEM Palcos**

APOIO E FINANCIAMENTO  
**Município de Viseu – Eixo Cultura**

DEPÓSITO LEGAL: 559791/26  
IMPRESSÃO: **Tipografia Beira Alta**

1.ª EDIÇÃO, 200 EXEMPLARES  
FEVEREIRO, 2026

#### AGRADECIMENTOS

Diocese de Viseu, em particular à Dr.ª Fátima Eusébio; Lar Viscondessa de S. Caetano: Dr.ª Elisa Batista, Ana Maria Lopes, Juliana Silva, Helena Lopes, João Paulo, Melanie Mendes, Zélia; APPACDM Viseu - Estabelecimento Dr. Víctor Fontes: Dr.ª Olga Marques, Carla Fonseca, Ana Margarida Silva, Fernanda Garcês, Maria de Deus Guedes, Inácio Ramos, Catarina Rodrigues, Ana Isabel Gonçalves, Maria Manuela Ferreira, Paulo Pinho, Goreti Félix, Herculano Ribeiro; Casa Memorial Rita Amada de Jesus: Irmã Vanessa Alves, Irmã Rosália Huaman; Instituto das Irmãs de Jesus Maria José: Irmã Salete Pereira, Irmã Leonir Tomazi, Irmã Sidália do Nascimento, Irmã Margarida Hostilina, Irmã Iracema Tomás; Aldeias Humanitar - Associação de Solidariedade Social: Dr.ª Joana Silva; Programa Escolhas, da Cáritas Diocesana de Viseu: Dr.ª Manuela Alberto, Diana Tavares, Teresa Costa; Filipa Fróis, Micael de Almeida, Pedro de Aires, Rafael Lopes, Ana Teresa Seia de Matos e José Seia de Matos

WWW.ANASEIADEMATOS.COM

*As Beguinias continuarão a existir  
no mundo, mesmo que já não  
sejam identificadas dessa forma.\**

\**Beguinias – Memória Herida*, M<sup>ª</sup>. Cristina Inogés Sanz,  
2021, PPC, Editorial y Distribuidora, SA



O projecto "Beguinhas - Este Movimento Não Cessa" inspira-se num movimento medieval, formado exclusivamente por mulheres, que surgiu no séc. XII, na Bélgica, espalhando-se depois pela Europa. Consideradas subversivas pelos poderes eclesiásticos à época, estas mulheres atreveram-se a viver de forma independente e livre, defendendo acirradamente a sua forma de vida e o compromisso evangélico de serviço à comunidade, em contexto urbano. Criaram hospitais e orfanatos, alfabetizaram os mais pobres, ensinaram ofícios a mulheres prisioneiras para que, ao sair da prisão, não voltassem a recorrer à prostituição, entre outras actividades. Numa sociedade com uma forte influência da Igreja, atreveram-se a questionar esse poder vigente cada vez mais corrompido, fazendo-o sempre na perspectiva de serviço.

O trabalho foi desenvolvido a partir desta ideia de Bem Comum, numa era de intenso individualismo, assente no exemplo das Beguinhas, dialogando com associações e comunidades de serviço aos mais carenciados na cidade de Viseu.

Deste trabalho resultam duas criações: uma exposição com obras de Ana Seia de Matos e uma performance de Mariana Silva, ambas acolhidas pelo Tesouro-Museu da Catedral de Viseu. Um retorno simbólico das Beguinhas ao lugar de onde foram rejeitadas, tantos séculos depois.



## ANA SEIA DE MATOS SOBRE A CRIAÇÃO DAS SUAS PEÇAS

Ouvi falar das beguinhas pela primeira vez em 2024, numa conferência dada por Cristina Inogés Sanz, teóloga e investigadora espanhola, onde falou com muito entusiasmo destas comunidades de mulheres religiosas com tanto de inspirador, quanto de fascinante. Embalada por essa introdução, li o seu livro “Beguinhas – Memoria Herida”, que ainda mais aprofundou o meu fascínio por estas mulheres que se organizavam de diferentes maneiras, que eram entre si tão diversas e que mesmo assim coexistiam harmoniosamente.

E eram corajosas: viviam de forma independente e autónoma, religiosas sem estarem afectas à igreja, numa altura em que o poder religioso tinha um peso considerável e em que se esperava que as mulheres dependessem de alguém, se não da igreja (no caso das religiosas), de um pai ou marido.

Muito há a dizer sobre estas comunidades de mulheres, que nasceram na Flandres (Bélgica) no séc. XII e que se foram espalhando pela Europa, mas ao apresentar a ideia de explorar a história destas mulheres à Mariana, fi-lo no sentido de nos focarmos na sua vida de serviço. Elas serviam as cidades em que habitavam, uma vez que existiam

em contexto urbano e assim nos surgiu a questão: quem são as beguinhas de hoje?

Contactámos várias instituições de cuidado de Viseu e pudemos visitar alguns destes espaços e falar com quem neles presta os cuidados. Fomos até ao Lar Viscondessa de S. Caetano, ao APPACDM Viseu - Estabelecimento Dr. Victor Fontes, à Casa Memorial Rita Amada de Jesus e ao Instituto das Irmãs de Jesus Maria José, falámos com a directora técnica da Aldeias Humanitar - Associação de Solidariedade Social e fomos até ao espaço do Programa Escolhas, da Cáritas Diocesana de Viseu.

Todas estas visitas, em que pudemos também observar o tipo de trabalho que é feito e a forma como as pessoas que prestam este serviço o vêem e se vêem, informou o trabalho que íamos executar posteriormente. No meu caso, a execução de peças.

No processo de conceptualização das peças, tive alguma dificuldade em perceber como materializar este trabalho que tem tanto de duro quanto de delicado. Há muitas dores no corpo, também no espírito, quando são dias piores, quando morre alguém. Mas são também espaços onde as rotinas são familiares, do dia a dia, rotineiras e

exigentes, mas onde se criam laços afectivos entre quem cuida e quem é cuidado.

Assim cheguei ao fio de juta, um material cru, de trabalho, que usei para construir diversas peças em crochet que queria que fossem de traço mais delicado e acima de tudo, com um teor doméstico e de uso – a manta, o xaile, as luvas, as pantufas, etc., com a preocupação de serem versáteis o suficiente, ou interessantes o suficiente, para a Mariana as poder usar como lhe parecesse adequado na performance.

Aqueles que assistirem à performance, inicialmente idealizada para ser apenas de dança, repararão na palavra. Esse texto foi um pedido da Mariana, um alicerce à criação coreográfica, que ela poderia usar, ou não, ou dizer apenas alguns excertos, durante a apresentação.

Inspirei-me numa irmã terciária capuchinha, Agnes de Viena. Diz-se que gostava de dançar e que era uma das formas como manifestava o seu amor por Cristo, ainda que esse comportamento não fosse muito bem visto.

Este texto, com discurso na primeira pessoa, relata o que seria talvez um dia na vida de uma beguina, muito inspirada nos relatos de quem entrevistámos, mas com um

carregado sentido religioso, de forma a ter uma relação mais directa com quem inspirou este trabalho: mulheres religiosas medievais. Coloquei-a a falar no plural, porque apesar de estar sozinha, sente-se acompanhada por todos aqueles que, como ela, escolheram uma vida de serviço, tantas vezes invisível.

É um texto em que o dia começa, acaba e começa outra vez, num ciclo infindável que marca tantas vezes um trabalho que é doméstico, não o sendo ao mesmo tempo.

Para dispositivo cénico, escolhi mobiliário comum, de uma qualquer casa imaginada, assinalando as várias etapas do dia para ajudar a reforçar o ambiente doméstico e as tarefas do quotidiano. Aproveitei o formato do próprio claustro, que permite colocar as peças em seu torno, quase em círculo, o que ajuda a reforçar a circularidade dos movimentos.

Há resquícios da performance que ficam com as peças: são sete peças e sete horas canónicas que marcam os diferentes momentos de oração do dia. O mesmo notamos na performance, onde a Mariana marca cada hora, dizendo um excerto ou interpretando-o coreograficamente. Isto estende-se, igualmente, ao título de cada peça.



MARIANA SILVA  
SOBRE A CRIAÇÃO  
DA SUA PERFORMANCE

Deparei-me a primeira vez com as Beguinas neste projeto, quando a Ana num café me contou brevemente quem foram e a diferença que fizeram. Numa pequena pesquisa sobre as elas deparei-me com o conceito de feminismo medieval e fascinei-me. Foram inúmeras as mulheres na História do mundo que lutaram contra a normalidade patriarcal. Na época todas as freiras eram obrigadas à clausura e, por isso, as Beguinas foram um grupo religioso de mulheres que fizeram a diferença, dizendo não às regras que as enclausuravam e trazendo a educação, a saúde e o bem-estar para um povo que tanto precisava.

Quando a Ana me trouxe esta ideia de procurar as Beguinas dos dias de hoje fiquei entusiasmada. O trabalho social é um trabalho muito digno, mas que vive nas sombras da precariedade. A possibilidade que tive de poder falar com estas pessoas e perceber o que é que as mantém neste trabalho, o que as faz viver o dia a dia sem culpas e com vontade de continuar, foi muito rico para o meu processo criativo. Estes são trabalhos muito ligados ao doméstico e, por isso, ainda são maioritariamente feitos por mulheres, no entanto, cruzamo-nos com alguns homens que fazem este trabalho e que se disponibilizaram para falar connosco nestas entrevistas e, apesar de dife-

rente, foram também ricos os seus testemunhos.

Para poder iniciar a criação pedi à Ana que, para além das magníficas peças que estava a construir, escrevesse um texto para a Beguina a que daria vida em cena. Assim a Ana apresenta-me Agnes de Viena, a beguina que iria representar. Mas claro, apesar deste texto, todo o material que recolhemos nas entrevistas teria de surgir. Entrevistámos diferentes trabalhos sociais, mas todos eles tinham as suas recorrências. A morte, as dores do corpo, as manchas na alma são as mesmas, mas também as felicidades, o amor e a nova família que encontravam nos seus locais de trabalho. Isto foi algo muito importante para a minha criação e que se relacionava tão bem com o texto que a própria Ana escreveu. Apesar de tantos séculos de diferença, e por motivos religiosos ou não, conseguimos ver que as vontades e as dores das Beguinas e das pessoas que entrevistamos seriam as mesmas.

De uma forma mais prática, o foco da criação está no texto sobre a Agnes, que traz o lado divino das Beguinas, nos movimentos que recolhi ao observar o trabalho das pessoas enquanto as entrevistávamos, as dores e a resiliência, e nos próprios objetos artísticos que a Ana criou e que são o foco da exposição. A performance nasce com o

propósito de realçar estes objetos artísticos, também inspirados em tudo o que mencionei previamente e criados de uma forma tão cuidada. Estas peças ajudam a contar a história, porque nasceram a partir dela. São peças fortes, mas delicadas, tal e qual as Beguinias e as pessoas que entrevistámos.

Como mencionei anteriormente, tanto o trabalho das Beguinias como o das entrevistadas é bastante doméstico e, por isso, repetitivo. Assim, a performance é rotineira, circular e divide-se a partir da liturgia das horas, o ofício divino, as rezas: matinas, laudes, terças, sextas, noas, vésperas e completas.

Para terminar, há também uma certa repetição na vontade que eu e Ana temos de trabalhar mulheres fantásticas e é exatamente isto que me fascinou nesta pesquisa e criação. Ter a oportunidade de mergulhar em histórias tão antigas e ao mesmo tempo dar voz a estas pessoas e trabalhos tão importantes, mas tão silenciosos, é um privilégio. Apesar da performance ser maioritariamente dançada e, por isso, ter a sua subjetividade e estar aberta à interpretação do público, espero conseguir passar todas estas mensagens subliminares e de dar o devido foco e valor às peças que a Ana, com tanta dedicação, criou.







“ESTE MOVIMENTO  
NÃO CESSA” DE  
ANA SEIA DE MATOS

O texto dramaturgico que se segue foi escrito para ser interpretado por uma bailarina. O uso da palavra é opcional.

Nesta obra tive em mente Agnes de Viena, irmã terciária capuchinha (c.1244 – 1315), austríaca. Passava largas temporadas com as Beguinas. “Tinha comportamentos considerados estranhos, de veneração. Fazia algo às escondidas, em desobediência: chegar-se ao altar, tocá-lo e beijá-lo e por vezes dançando em seu redor.”\* Era acometida por visões. O texto em itálico, são excertos de orações católicas, de variadas fontes.

\*Beguinas – *Memoria Herida*, M<sup>a</sup>. Cristina Inogés Sanz, 2021, PPC, Editorial y Distribuidora, SA

*Pai, acabamos de acordar e convosco queremos começar o nosso dia.*

*Agradecemos-Te este nosso primeiro pensamento.*

Como todas as criaturas que habitam os céus e a terra, veneramos-Te por meio da nossa existência e do nosso serviço.

Os nossos braços rezam enquanto trabalhamos, as nossas mãos proferem orações de forma ininterrupta e as nossas pernas sussurram em cada passo, as palavras de Deus.

*Fazei que o nosso trabalho quotidiano, escondido, simples e honesto, suba até Vós.*

Agora paramos. Ouvimos o Teu murmúrio que vem de longe e que se vai tornando mais forte. Há a tentação de taparmos os ouvidos, mas resistimos. O que dizes tem de ser ouvido.

Enquanto servimos a Tua presença acompanha-nos, lado a lado. Seguras e guias as nossas mãos. Retomamos, recomeçamos.

Estes movimentos não podem cessar nunca. Como a moção do mar, que vai e vem e cuja água é continuamente renovada, incessantemente se desloca, também nós não podemos parar.

Como o ar que nos envolve, mas que se agita por vezes, outras se aquieta, outras aquece e outras refresca, assim Tu existes, em todo o lado, em todos os ritmos e todas as variações.

Como a terra sob os nossos pés, que nos puxa e suporta, que nos alimenta, que nos guia e desafia, assim Tu nos continuas a abrir caminho.

Mas esperem. Aqui, aqui é diferente. Aqui sente-se o Seu espírito vivo de forma aguda, é quase concreto, quase palpável. Aqui podemos parar. Aqui é-nos permitido.

Temos de conseguir ver. Tentemos ver.

Há um fogo que se manifesta, labaredas de luzes e cores brilhantes que irrompem destas paredes, que se dividem em inúmeros feixes, em inúmeros raios, como se fossem do sol. Mas um sol de interior, no interior. Que se espalha como um incêndio real, crepitante, quente e incontrolável, por todo o lado. Mas este fogo não queima, apenas ilumina. O que queima é a Sua palavra, essa sim queima, marca, mancha, deixa uma mancha que não se pode apagar, que não queremos apagar

Mas devemos continuar, há que continuar, não podemos parar, não podemos parar.

*Anonimamente, na solidão (...), em união a Cristo, humildemente tomamos sobre os nossos ombros tudo o que é humano.*

Sabes o nosso nome, sabes quem somos, como nos chamamos.

Todos os pensamentos que nos atormentam e os que nos aconchegam, não são para Ti desconhecidos. Por vezes, por vezes o peso é demasiado, bem sabes, tudo é doloroso, tudo dói e os feixes de luz já não nos tocam, estão afastados de nós, não os conseguimos tocar, mas... *Avançamos conVosco ao vento e ao frio. Avançamos, nada nos importa: levamos-Vos connosco, no coração.*

No coração, onde está esta mancha, que não sai e que não tem de sair, se está aqui é porque assim o determi-

naste, sentimo-la na alma, carregamo-la connosco, não é possível viver sem esta mancha, ela acompanha-nos para onde quer que vamos, é observada, é julgada, mas não a lavamos mais, pertence-nos, é a mancha do Teu toque, da Tua presença, não é possível viver sem ela, conhecemo-la bem. Esta mancha não sai.

Olhamos para trás, para tudo o que realizámos até este preciso momento, todos os passos que foram dados em Teu nome. Estes braços continuam as suas preces, estas costas curvam-se, assumindo formas e gestos piedosos e as dores que sentimos são deixadas aos Teus pés, oferecidas com humildade e regozijo, seguindo o Teu exemplo de Amor.

Agradecemos todas as graças que nos concedeste,

Pedimos luz para que tudo seja visto com o Teu olhar,

Recordamos todos os tempos e lugares, todas as fissuras e desassossegos, assim como os momentos de união e fraternidade, em que nos movemos como um só corpo, num único passo de dança...

Pedimos perdão pelo esquecimento que por vezes nos acomete e nos faz tropeçar, ainda que sempre com a certeza de ter a Tua mão como amparo.

Dispomo-nos a viver o dia de amanhã com confiança e coragem, entregando-Te todos os nossos medos e anseios,

Repousamos agora a cabeça na almofada e a luz invade a carne, os músculos, os ossos, vives connosco, adormeces connosco, em nós...





APOIO

FINANCIAMENTO

